

# **BRASILEIRA SIM, PROSTITUTA NÃO. MULHERES BRASILEIRAS EM PORTUGAL: IDENTIDADE NEGOCIADA**

Valeria de Oliveira<sup>1</sup>

## Resumo

O presente artigo discute a representação social da mulher brasileira em Portugal e, como esta imigrante negocia seus referentes identitários diante de estereótipos socialmente arraigados naquela sociedade.

Palavras-chave: Imigração; identidade; representação social; mulher brasileira

## Abstract

This manuscript discusses the social representation of Brazilian women in Portugal and how those immigrants negotiate their identity in face of socially rooted stereotypes

Key words: Immigration; identity; social representation; Brazilian woman

## *INTRODUÇÃO*

Dados da Organização das Nações Unidas (ONU), revelam que atualmente existem 232 milhões de migrantes internacionais (3,2% da população mundial). Destes, 59% vivem em regiões desenvolvidas, sendo os principais destinos de acolhimento a Europa e Ásia, que acolhem dois terços de todos os migrantes internacionais em todo o mundo (ONU, 2013). Interessante ressaltar que existem 40 milhões de migrantes internacionais com idade entre de 20 e 29 anos (ONU, 2013), pessoas jovens, em idade produtiva, que saem de seus países a procura de outras possibilidades.

A bibliografia especializada produzida ao longo do tempo, por autores que trabalham com a questão da migração (SIMMONS, 1987; ROCHA TRINDADE, 1995; PATARRA, 1995; MALHEIROS, 1996; MÁRMORA, 1997; PIRES, 2003; PEIXOTO & GÓIS, 2004; SASAKI, 2006), assinala que existem diferentes tipos de migrações. Estas podem ser agrupadas por diferentes critérios que vão desde os espaciais, temporais e motivacionais aos socioeconômicos, jurídicos, etc. Levando em consideração o critério dos deslocamentos espaciais temos: transumância, nomadismo, migração nacional, e migração internacional. No que tange ao critério de tempo de permanência existem as migrações definitivas e as temporárias. Se o critério for a forma como ocorre a imigração temos a migração espontânea e a forçada. Se for considerado o estatuto administrativo-jurídico que o país de acolhimento atribui à pessoa que migra temos a imigração legal, a naturalização e a imigração ilegal. Para Moulin (2012) a rigidez das

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciências sociais pela Universidad Pablo de Olavide, professora associada do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Rondônia.  
e-mail: valeriaunir@gmail.com

classificações das modalidades de deslocamentos como legais ou ilegais acaba por ser um meio de disciplinamento, tendo em vista que a imigração ilegal representa uma ameaça à estrutura de poder do Estado-nação. Ainda dentro deste âmbito, de classificar o processo de mobilidade humana, Said (2003) faz uma distinção entre exílio e outras formas de afastamento da pátria natal, que para ele são: ser expatriado, e ser emigrado. A condição de exilado é o de ser expulso e impedido de voltar à sua terra. Os expatriados, são aqueles que “moram voluntariamente em outro país, geralmente por motivos pessoais ou sociais” (Said 2003: 54). Já os emigrados seriam aqueles que se encontram em uma situação ambígua, ou seja, podem ou não ter escolhido abandonar seu país.

No artigo 13º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada em 1948 pela Organização das Nações Unidas (ONU) está escrito que:

Todo o indivíduo tem o direito de circular livremente e escolher a sua residência no interior de um Estado.

Todo o indivíduo tem o direito de abandonar o país em que se encontra, incluindo o seu, e o direito de regressar ao seu país.

Todavia este processo não é tão simples ou fácil, ainda que o processo de globalização tenha facilitado os deslocamentos humanos pela rapidez dos meios de transporte, e a evolução dos meios de comunicação. A dificuldade reside no fator interno, emocional, na necessidade de ruptura das relações e, no abandono do território familiar de origem. No entanto, a busca por melhores condições de vida e fuga da pobreza, acabam por ser um imperativo neste processo. Neste caso, tanto homens quanto mulheres criam coragem e rompem com sua cotidianidade em busca de dias melhores, em uma terra que ofereça condições para realização de seus sonhos e aspirações. Ramos (2003) assinala que as mulheres constituem as principais vítimas da pobreza a nível mundial, de assédio e tráfico humano.

A pesquisa sobre processos migratórios reflete a evolução histórica do conceito de gênero, tendo as mulheres como protagonistas de seu processo migratório e não mais como meras atrizes figurantes, acompanhantes e dependentes dos homens, que antes eram vistos como os sujeitos ativos. É a partir da segunda metade da década de 1970 que começam a surgir os primeiros estudos sobre a mulher migrante como sujeito visível e autônomo e sobre os fluxos migratórios de mulheres (MOROKVASIC, 1984; KOFMAN, 1999; MAHLER, 1999), ou seja, a mulher como sujeito ativo e construtor de sua história passa a ganhar voz e ser ouvida nos estudos sobre migração.

Em uma coletânea de artigos sobre gênero e migração Mirjana Morokvasic, em 1984, faz uma emblemática afirmação: “Os pássaros de passagem também são mulheres”. Neste momento é oficialmente sinalizada, pela primeira vez, a negligência de pesquisadores e políticas públicas sobre a participação das mulheres nas migrações, e o fato de que as imigrantes têm sido representadas de maneira estereotipada como “dependentes passivas”. Por outro lado, a primeira análise de gênero no contexto migratório, parece surgir na literatura especializada em 1992, na introdução do livro

*Gender and Migration*, de Sylvia Chant e Sarah Radcliffe. Neste livro as autoras apontam que, até então, os estudos sobre mulheres e migrações se limitavam a estabelecer as diferenças numéricas entre os sexos nos fluxos migratórios, sem analisar substantivamente as diferenças em termos de gênero. Ou seja, a partir desta publicação, a mulher como sujeito ativo e construtor de sua história passa a ganhar voz e ser ouvida nos estudos sobre migração. Segundo Boyd e Grieco (2003), se as teorias de migração internacional se propõe a integrar as relações de gênero de maneira adequada e eficaz, estas devem levar em consideração fatores sutis e óbvios que se misturam para criar diferentes experiências ao longo da migração. Como afirmam Neves et al (2016)

A análise da pertença de gênero é, a par de outras, fundamental para que possam compreender as diferenças existentes no que diz respeito ao acesso aos recursos, aos serviços e aos direitos e consequências dessas diferenças para os processos de adaptação ou de exclusão nos países receptores.

A definição e a compreensão destes fatores melhor fundamentam as teorias de migração internacional e também as experiências individuais de mulheres migrantes em todo o mundo.

As pesquisas desenvolvidas na atualidade, sobre processos migratórios, reconhecem que a participação da mulher vai além do papel de mãe ou companheira. O que faz com que haja o reconhecimento da diferença existente na experiência migratória de homens e mulheres, por parte de governos e dos organismos internacionais. No entanto, este reconhecimento deve ir além de fazer gráficos discriminando o número de homens e mulheres que imigraram para determinado país. Pois, ser mulher neste contexto, implica em questões específicas, que não podem ser generalizadas. Portanto, os estudos sobre processos migratórios devem abarcar as especificidades de ser mulher em todas as suas facetas.

### ***OS CAMINHOS DESTA PESQUISA***

A maioria das pesquisas que abordam o tema da mobilidade humana abarcam as razões da migração, o processo migratório, as redes de apoio, etc. Porém, existe um vácuo no tocante ao ouvir a voz de “choro” reprimida de quem passou por um processo de ruptura com sua cotidianidade. Existe um certo silêncio em relação aos processos subjetivos vivenciados pelo indivíduo que migra. Após leitura de artigos e relatos de muitas pesquisas, percebeu-se que o que ali estava relatado não era o que as mulheres brasileiras contavam pessoalmente à esta pesquisadora. Nem de longe as pesquisas revelavam a carga de preconceitos, implícitos ou explícitos, que a brasileira é sujeita. Nem de longe revelavam a dor sentida e engolida de ser desrespeitada, ao não ser vista como uma pessoa em sua integralidade. O fato de que ter determinada nacionalidade sirva como anteparo às relações sociais. Ou seja: a subjetividade, a leitura das entrelinhas, do implícito, não era relatado nestas pesquisas. Por isto, a presente pesquisa, de cunho qualitativo, centra-se em buscar como esta mulher, que não está

relacionada ao mercado do sexo, lida com a imagem cristalizada que tem a brasileira em Portugal, como negocia sua brasilidade, sua marca identitária neste contexto. Para atingir os objetivos propostos foram coletadas 12 histórias de vida de imigrantes brasileiras residentes na região de Lisboa. A opção por circunscrever a pesquisa à região de Lisboa ocorreu devido ao fato de que, segundo dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), a maioria dos imigrantes brasileiros vivem nesta capital, havendo uma predominância de indivíduos do sexo feminino.

A opção pela história de vida focal, centrada na história migratória, como técnica onde a escuta ativa se faz presente, possibilitou dar voz à esta mulher brasileira, imigrante em Lisboa. Ouvir suas experiências e, ao mesmo tempo, os relatos forneceram um material rico para análise. Para este artigo são utilizados os dados revelados no que tange à negociação da identidade de ser mulher brasileira em Portugal. Neste contexto, foi efetuado um recorte para ajustar o foco na questão da negociação identitária. Para identificação dos sujeitos utilizou-se nome de pedras como pseudônimos resguardando sua identificação (Ametista, Água, Cristal, Esmeralda, Rubi, Safira, Turmalina, Ônix, Granada, Âmbar, Jade e Água Marinha).

As entrevistas ocorreram no período de outubro de 2014 a janeiro de 2016. A transcrição obedeceu a maneira de falar das entrevistadas, sem correção gramatical.

A escolha dos sujeitos teve como critério que eles não fossem profissionais do sexo, ou trabalhassem em bares de alternes. Isso porque o que se pretendia era verificar como ocorria a negociação de identidade desta mulher que não está relacionada com a prostituição e que, havia escolhido Portugal como país de destino migratório. Desta maneira foram escolhidas doze brasileiras cujo tempo de residência em Portugal variava entre 5 e 9 anos. As entrevistadas tinham entre 24 e 54 anos de idade. Quanto ao estado civil, duas delas eram solteiras, nove casadas e uma divorciada. Com respeito à escolaridade, três possuem nível superior (uma advogada, uma administradora e uma jornalista, todas exercendo sua profissão em Portugal), uma está cursando psicologia, duas possuem o nível médio e as demais possuem o ensino fundamental.

### ***IMIGRANTES BRASILEIROS***

Segundo dados do Itamaraty publicados no documento “Estimativas populacionais das comunidades brasileiras no mundo” com dados atualizados em novembro de 2016 havia 3.083.255 de brasileiros residindo fora do país. Destes, 116.000 vivem em Portugal. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2012 haviam 491.645 brasileiros residindo fora do país, destes 54% eram mulheres, sendo a maioria residente na Europa. No Relatório de Imigração Fronteira e Asilo, do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) de 2011 relata-se que haviam 21.878 mulheres brasileiras na região de Lisboa. O mesmo relatório publicado em 2017, já não faz a correlação gênero e localização, mas aponta que havia 85.426 brasileiros residindo legalmente naquele país, o que representa 20% da totalidade de estrangeiros. Destes, 52.526 eram mulheres e 32.900 homens, revelando, portanto, que a maior quantidade de imigrantes desta nacionalidade são mulheres. A disparidade entre os

números do Itamaraty e do relatório do SEF pode ser explicada pelo fato de muitos brasileiros já terem adquirido a cidadania portuguesa, o que faz com que já não sejam mais considerados estrangeiros pelo SEF mas, no entanto, são contados pelas estatísticas do governo do Brasil como residentes no exterior.

Pelos dados do SEF observa-se que existem mais mulheres brasileiras em Portugal que homens, e que a região de Lisboa é onde está concentrado o maior número de imigrantes brasileiros.

### ***ESTAR EM OUTRO PAÍS***

*As razões:*

Inúmeras são as razões que levam uma pessoa a emigrar: motivos econômicos, políticos, sociais, liberdade individual, desejo de aventura, etc. Duas das colaboradoras desta pesquisa relataram que decidiram imigrar para acompanhar o cônjuge. As demais saíram do Brasil por decisão individual, em busca do que elas chamavam de melhores condições de vida. Por melhores condições de vida entendem ter um trabalho, fugir da violência no país e estudar.

A mobilidade humana em suas múltiplas variáveis e facetas, quer no plano geográfico, social, psicológico ou cultural, pode ser considerada como expressão do desejo de expansão de horizontes e de possibilidades de vida. Portanto, por trás do discurso de melhores condições de vida subjazem desejos subjetivos, individuais, intrinsecamente relacionados com a história de vida de cada imigrante.

Por outro lado, os dados obtidos revelam que, para a maioria das entrevistadas, a razão da imigração foi uma decisão pessoal não atrelada ao fato de acompanhar o cônjuge. Isso demonstra que esta mulher brasileira que resolveu emigrar o fez em sua maioria por opção própria, sendo protagonista de sua história e não como atriz coadjuvante no processo migratório da pessoa a quem estava ligada por laços afetivos. Outras pesquisas apontam que, nas últimas décadas, as mulheres migram de forma independente, à procura de trabalho (GAYE & SHREYASI, 2011), com a intenção de melhorar as condições de vida familiar (OIT, 2010; TÉLLEZ e MARTINEZ, 2009).

### ***O IMPACTO:***

Cojocarú (2003), ao falar sobre o processo migratório sinaliza que a trajetória para outro significado de pertencimento é um encontro com o novo espaço, onde se faz necessário o intercâmbio com outros homens, outra língua, outra cultura e outro sentido de pátria. No que tange às mulheres entrevistadas, observou-se que ao se depararem com outra cultura, diferentes maneiras de estar no mundo e de se relacionarem causou um certo estranhamento. Tudo isso em função dos referentes culturais trazidos e do modo como se produzem as interações sociais no país de origem. São diferentes os códigos de conduta, o que a princípio gerava estranheza pois muitas tinham no imaginário que na Europa as pessoas são educadas e gentis. No entanto, o ser educado e gentil varia de cultura para cultura, esta estranheza é explicitada na fala de Cristal:

*“Eu imaginava que os portugueses eram como os brasileiros mesmo: um povo alegre, social, que você pode ter contato. Porque a gente, brasileiro gosta muito de abraçar e o português é um pouco mais fechado.”*

Além do relacionado ao contato físico, também foi impactante a maneira direta de falar e abordar as questões. A entonação de voz utilizada normalmente pelos portugueses, para as colaboradoras da pesquisa, soa como descontentamento, reprovação, censura e até mesmo falta de respeito:

*Eu falava para o meu marido: não vem para este país, porque você não vai aguentar. Este país tem um povo mal, não sei, não sei dizer se é mal educado... é grosso, um pouco grosso. Destratam a gente pelo fato de ser brasileira. (Àgata).*

*O patrão era muito, muito ignorante, me chamava muito de parva, e me tratava com muita ignorância. Eu chorei muito ali, sofri muita humilhação. (Safira).*

*No princípio eu tive muita dificuldade em lidar com os portugueses, o modo de falar deles, eles não alisam. Falam na dura, sem rodeios. E isto me paralisava e eu só tinha vontade de chorar. (Jade).*

*Eles têm um jeito de falar diferente da gente, são mais rudes, e foi difícil para mim, no início. Agora eu já nem ligo, mas no início foi muito difícil, muito mesmo. (Turmalina).*

*Eu não consigo lidar ainda com a forma como eles falam. (Granada).*

*“Sofri muito no começo, eles são muito brutos. Mas fiquei grossa como eles, é horrível, mas fiquei” (Esmeralda).*

*“Eu não aguentava mais meu patrão, era muito grosso, sem educação. Eu ficava calada, não consigo ser grossa como eles.” (Rubi).*

Diante da dificuldade de lidar com um patrão “grosso” Rubi saiu do emprego e foi trabalhar por conta própria como manicure. Esta foi a estratégia utilizada por ela, o não confronto, pois confrontar ia de encontro à sua maneira de ser. Esmeralda por sua vez relata que conseguiu mudar sua maneira de atuar em sociedade, aprendeu a ser grossa, ainda que lhe custe pois, ela própria reprova seu comportamento dizendo: é horrível.

Para além de ser um animal racional o ser humano é um animal cultural. Cada indivíduo traz a marca de seu povo, de sua aldeia, seus referentes culturais. Esta marca de pertença que é imprimida a partir das interações sociais, diz respeito aos hábitos, regras sociais, intuições, maneira de perceber, de pensar e atuar nos diferentes

relacionamentos interpessoais. Quem imigra leva consigo também os referentes culturais introjetados do estar e atuar em sociedade. Ramos (2003, p. 265), assinala que “as culturas penetram o indivíduo [...] da mesma forma que as instituições sociais determinam estruturas psicológicas [...] o homem pensa e age dentro do seu ciclo de cultura”.

### ***SER BRASILEIRA EM PORTUGAL***

Vários estudos apontam que existe uma imagem cristalizada e generalizada do ser brasileiro em Portugal, e também uma imagem estereotipada da mulher brasileira, (LAGES,2006; SANTOS, 2007; FRANÇA,2012; ). Esta imagem é o resultado de séculos de uma construção que começou quando em 1500, Pero Vaz de Caminha escreve a primeira carta ao rei de Portugal. Nos dias que se seguiram à chegada da armada de Pedro Álvares Cabral, passados três meses desde a saída de Lisboa, ele dava notícias da “Terra de Vera Cruz” e das mulheres que ali encontrou. Sobretudo uma mulher que “certo, era tão bem feita e tão redonda e sua vergonha que ela não tinha, tão graciosa, que a muitas mulheres da nossa terra, vendo-lhe tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como ela”. Numa época em que não existia a fotografia a descrição escrita, efetuada por Caminha na carta ao rei, fecunda na imaginação de homens e mulheres portugueses. A mulher nativa das terras brasileiras, de formas arredondadas, graciosa e depilada, despertava na imaginação masculina, a luxúria, sem falar do imaginário das mulheres portuguesas do Sec. XVI, que foram depreciadas em um documento oficial.

Mesmo passados cinco séculos observa-se que esta imagem da mulher brasileira de formas arredondadas e graciosa ainda prevalece e, por vezes, é veiculada na imprensa em Portugal. Esta imagem sexualizada da mulher brasileira pode ser constatada através da simples leitura da capa da revista Focus n.565/2010 em que a manchete principal é: “Eles adoram-na, elas odeiam-na. Os segredos da mulher brasileira”. Enfatizando ainda o número de casamentos entre portugueses e brasileiras, no ano de 2009. Sem falar na foto estampada da capa que faz referência à reportagem. A mulher retratada, não tem rosto. A ênfase da foto está no bumbum. Conforme pode ser verificado a seguir:

Figura n.1 Capa da Revista Focus n.525



Fonte:

[https://www.google.com/search?biw=1517&bih=681&tbm=isch&sa=1&ei=KymdXKn oJZue5OUPwfKr-Ak&q=revista+focus+O+SEGREDO+DAS+BRASILEIRAS&oq=revista+focus+O+SEGREDO+DAS+BRASILEIRAS&gs\\_l=img.3...11321.23658..24013...13.0..0.629.9538.0j5j16j6j1j4.....1....1..gws-wiz-img.....35i39j0i30j0i24.z21eD8NmI4g#imgsrc=KvgZdtUMX6e4JM:](https://www.google.com/search?biw=1517&bih=681&tbm=isch&sa=1&ei=KymdXKn oJZue5OUPwfKr-Ak&q=revista+focus+O+SEGREDO+DAS+BRASILEIRAS&oq=revista+focus+O+SEGREDO+DAS+BRASILEIRAS&gs_l=img.3...11321.23658..24013...13.0..0.629.9538.0j5j16j6j1j4.....1....1..gws-wiz-img.....35i39j0i30j0i24.z21eD8NmI4g#imgsrc=KvgZdtUMX6e4JM:)

No entanto no ano de 2010, além da Focus, duas outras revistas a Cosmopolitan e a Activa, dedicaram edição com capa e matéria que falavam explicitamente da sensualidade da mulher brasileira e sua capacidade de sedução. As matérias produzidas por estas revistas foram desencadeadas pelo lançamento, em Portugal, do livro Os segredos das Mulheres Brasileiras para manter homens loucamente apaixonados, escrito por uma brasileira, Nelma Penteadó.

O fato de a revista Focus enfatizar em manchete que as mulheres portuguesas odeiam as brasileiras remete ao movimento das mães de Bragança. Onde, em 2003, foi deflagrado um movimento que surgiu como forma de protesto à chegada de mulheres brasileiras àquela cidade. Elas se prostituíam ou faziam companhia aos homens nos bares locais, e estariam a "dar a volta" à cabeça dos maridos, tirando-os de casa, ou



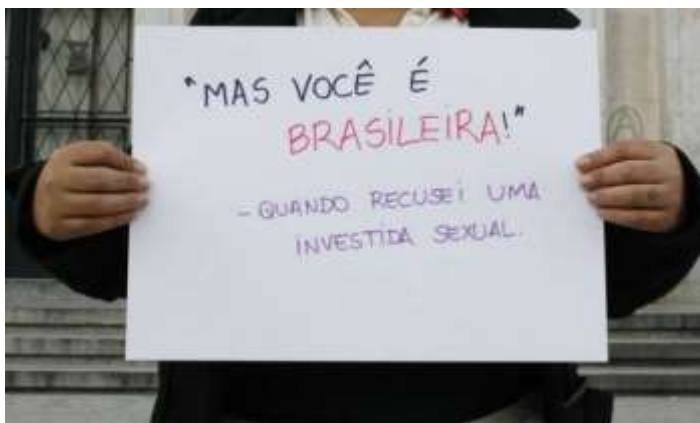
fazendo com que gastassem todo o seu salário. O movimento alcançou repercussão internacional, sendo manchete na revista Times de 20.10.2003.

Portanto, ao longo do tempo, esta imagem vai se assentando e cada vez mais sendo acentuada. Chegando ao ponto de, em 2012, durante o programa “Justiça Cega?” da emissora de televisão portuguesa RTP, o na época Bastonário da Ordem dos Advogados de Portugal, afirmou que “uma das coisas que o Brasil mais tem exportado para Portugal são prostitutas, entre outras coisas”. Serge Moscovici (1961), assinala que as representações sociais são reelaboradas quando expressas em diferentes meios de comunicação, sendo a mídia uma grande mediadora no processo de produção do universo consensual.

Santos (2007), já havia verificado a “construção de um estereótipo assentado na imagem da mulher exótica, orientada para práticas sexuais a troco de dinheiro e com um estatuto jurídico de marginalidade” (SANTOS, 2007, 11). Também Padilha (2007), em um trabalho denominado “A imigrante brasileira em Portugal: considerando o gênero na análise”, verifica que a imagem dessas mulheres em Portugal está conotada ao rótulo de prostituta, influenciando negativamente sua experiência migratória. Isto faz com que, muitas vezes, a mulher brasileira seja estigmatizada e, independente de raça, classe social ou nível escolar, seja vista como prostituta ou fácil. O estigma ocorre simplesmente por ser brasileira, e tem sempre um efeito negativo, visto que, esta imigrante frequentemente tem que lidar com alguma hostilidade. Este estigma está presente em todos os estratos sociais, inclusive dentro da academia, dado que é corroborado através do protesto ocorrido nas redes sociais. Em 2014 episódios de xenofobia aconteceram na Universidade de Coimbra contra estudantes estrangeiros. Nesta ocasião estudantes brasileiras denunciaram a discriminação da qual são vítimas pelo simples fato de serem brasileiras.

No protesto ocorrido em Coimbra, através de cartazes, as alunas brasileiras registraram as falas carregadas de preconceito baseado em uma imagem cristalizada e sensualizada da mulher brasileira, apresentando-a como vulgar e fácil. Os episódios de discriminação denunciados apontam que, tanto alunos quanto de professores, possuem esta representação social, como pode comprovado através das imagens veiculadas através da mídia dos cartazes confeccionados por estudantes brasileiras:

Figura 2- Aluna brasileira com cartaz



Fonte: [https://www.google.com/search?q=campanha+alunos+de+coimbra+contra+a+xenofobia&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjCjQOwzqXhAhWJE7kGHfPCBcIQ\\_AUIDigB&biw=1517&bih=681#imgrc=VjOO6Fe68YJ\\_4M:](https://www.google.com/search?q=campanha+alunos+de+coimbra+contra+a+xenofobia&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjCjQOwzqXhAhWJE7kGHfPCBcIQ_AUIDigB&biw=1517&bih=681#imgrc=VjOO6Fe68YJ_4M:)

Figura 3- Aluna brasileira com cartaz.



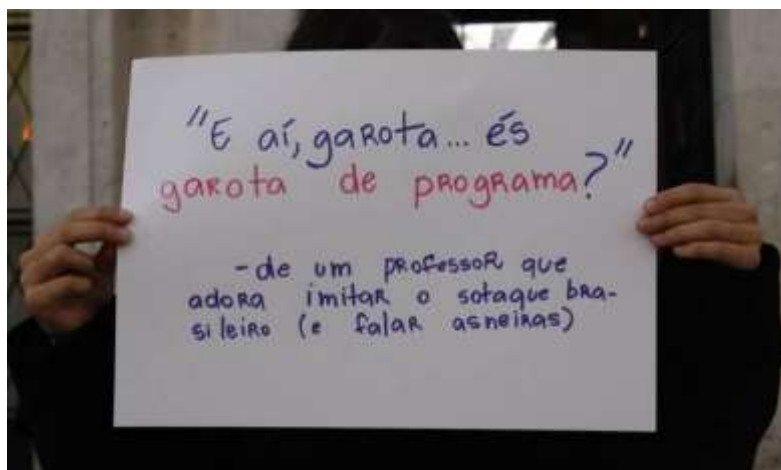
Fonte: [https://www.google.com/url?sa=i&source=images&cd=&ved=2ahUKEwi5jLae36XhAhU4HbkGHdbTC\\_8QjRx6BAGBEAU&url=https%3A%2F%2Foglobo.globo.com%2Fsociedade%2Feducacao%2Falunos-denunciam-preconceito-na-universidade-de-coimbra-11263679&psig=AOvVaw3Uz19JLI-wGbaowEE9I55Z&ust=1553893651514812](https://www.google.com/url?sa=i&source=images&cd=&ved=2ahUKEwi5jLae36XhAhU4HbkGHdbTC_8QjRx6BAGBEAU&url=https%3A%2F%2Foglobo.globo.com%2Fsociedade%2Feducacao%2Falunos-denunciam-preconceito-na-universidade-de-coimbra-11263679&psig=AOvVaw3Uz19JLI-wGbaowEE9I55Z&ust=1553893651514812)

Figura 4-Aluna brasileira com cartaz



Fonte: [https://www.google.com/search?q=campanha+alunos+de+coimbra+contra+a+xenofobia&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjCjQOwzqXhAhWJE7kGHfPCBcIQ\\_AUIDigB&biw=1517&bih=681#imgrc=hoM3p-5Li63VwM](https://www.google.com/search?q=campanha+alunos+de+coimbra+contra+a+xenofobia&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjCjQOwzqXhAhWJE7kGHfPCBcIQ_AUIDigB&biw=1517&bih=681#imgrc=hoM3p-5Li63VwM):

Figura 5- aluna brasileira com cartaz



Fonte: <https://www.google.com/url?sa=i&source=images&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjMzZyf0KXhAhUgI7kGHRJFDQEQjRx6BAgBEAU&url=https%3A%2F%2Foglobo.globo.com%2Fsociedade%2Feducacao%2Falunos-denunciam-preconceito-na-universidade-de-coimbra-11263679&psig=AOvVaw1K27zIncpOGUKTrfXd554A&ust=1553889665134001>

Gomes (2018), efetua uma interessante pesquisa cujo objetivo é analisar os discursos oficiais portugueses (do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, e, do Alto Comissariado para Imigração e Diálogo Intercultural), bem como, discursos institucionais de associações de imigrantes (da Casa do Brasil de Lisboa, da Associação Lusofonia, Cultura e Cidadania, e, da Associação Comunitária) no que diz respeito a (re)(des)construção do imaginário em torno da “brasileira imigrante” em Portugal. As

conclusões do estudo efetuado apontam que a maioria dos discursos institucionais reproduz elementos do imaginário de hipersexualização das mulheres brasileiras.

É neste contexto, caracterizado por um estereótipo negativo e generalizante, que se inserem as colaboradoras desta pesquisa: mulher imigrante brasileira em Portugal, que necessita negociar sua identidade para ser aceita e respeitada como ser humano. E, para que a vejam além de imagens estereotipadas socialmente assentadas. Imagem que traz repercussões na inserção desta imigrante no mercado de trabalho pois, segundo França (2012) existe uma precarização das relações laborais da mulher brasileira em Portugal somado à segregação sexual e étnico-racial do mercado de trabalho.

Ao debruçar sobre os relatos obtidos, verifica-se que os referentes culturais introjetados e levados junto consigo, permearam a percepção que tiveram da sociedade receptora. As colaboradoras contaram que ficaram impactadas não somente com a maneira como o português fala, mas também com a percepção que tinham do brasileiro

*Quando estou em um lugar, em um jantar, ou festa, que tem casais portugueses, é incrível como as mulheres portuguesas logo grudam nos seus maridos, como se eu fosse roubá-los. (Turmalina).*

*Eu pensava que era um pouco diferente, eu pensava que era mais fácil para trabalho, que a gente era mais respeitado, mas infelizmente há muito racismo sobre brasileiro. (Âmbar).*

*Foi horrível. Brasileira na altura que eu cheguei era muito mal falada. (Ônix, 2005).*

*Fui fazer faxina em uma casa, e a mulher me disse: “Eu não gosto de brasileira”. Não voltei mais para trabalhar. (Turquesa).*

*Solicitei que a senhora do caixa de uma cafeteria que me desse o troco em moedas, e ouvi: além de ser brasileira é exigente. (Ametista).*

*Uma vez fui em um jantar, e o anfitrião (português) me apresentou assim: Esta é a Dr<sup>a</sup>..., ela é brasileira, mas é uma brasileira diferente. (Esmeralda).*

*Tive uma enorme dificuldade para alugar um apartamento. Sabe o que é você ter dinheiro e não conseguir alugar um apartamento porque é brasileira? Só porque é brasileira? Eu ligava e sempre era o mesmo: o apartamento não está mais disponível. Daí uma vez, após estar cansada de ouvir a mesma coisa, pedi para uma amiga portuguesa ligar para o telefone que eu acabara de ligar e que haviam me dito que o apartamento já havia sido alugado. A resposta que ela obteve foi que o apartamento ainda estava disponível. (Turmalina).*

*É horrível. Os homens pensam que você é uma mulher fácil, disposta a ir para cama do nada. Fazem piadas, brincadeiras deselegantes. É uma saia justa, porque nem sempre dá para dar um fora. (Água marinha).*

Para uma melhor compreensão das experiências relatadas pelas colaboradoras desta pesquisa serão utilizados os conceitos de representação social, estereótipo e preconceito.

As formas pelas quais o senso comum expressa seu pensamento chamamos representação social (JODELET, 1993, MOSCOVICI, 1976). São as maneiras como os grupos sociais constroem e organizam os diferentes significados dos estímulos do meio social, significados que geram um repertório de comportamentos concretos. Moscovici e Vignaux (2003) apresentam a hipótese de que as representações sociais originam-se de ideias-chave que permeiam o pensamento social, que possuem longa duração e estabilidade. Jodelet (2001) assina que a representação social tem uma elaboração cognitiva e simbólica, que influencia o pensamento e as condutas sociais. E que tem a comunicação de massa como condição de possibilidade e determinação. Neste sentido os meios de comunicação tem um importante papel, pois na comunicação midiática, as representações sociais possuem imagens e conceitos hegemônicos (CONTI, BERTOLIN & PERES, 2010). Todavia as representações não são respostas mentais a um estímulo do meio social. Constituem-se em uma preparação para a ação, por guiar o comportamento, e por construir e remodelar o ambiente em que este comportamento irá ocorrer. Para Bergmann (1998) as representações sociais seriam disposições comportamentais adquiridas, juntamente com os outros conceitos sociopsicológicos de valores e atitudes, com maior estabilidade que as últimas.

No que tange ao preconceito, verificamos que, a partir da perspectiva da cognição social (FISKE & TAYLOR, 1991), sua explicação leva em consideração os vieses psicológicos responsáveis pelos erros no processamento das informações e dos julgamentos sociais (ROSS, 1977; SCHALLER, 1991).

Tendo por base Alport, define-se preconceito como uma atitude negativa, hostil, ou preventiva em relação a uma pessoa que pertence a um grupo, baseada na crença de que ela tem as características negativas atribuídas a esse grupo. Essa atitude negativa tem dois componentes: um cognitivo, a generalização categorial; e um disposicional, a hostilidade; que influenciaria comportamentos discriminatórios. O comportamento de discriminante surge através do relacionamento entre grupos distintos e tem cinco graus de externalização: verbalização negativa, evitamento, discriminação, ataque físico e exterminação. (ALPORT, 1954).

Segundo Adorno et. al. (1950) e Horkheimer e Adorno (1985), algumas características do preconceito, e mais propriamente daqueles que o expressam, são: (i) a falsa generalização, que se refere a considerar todos os elementos de um grupo semelhantes, retirando-se as suas características particulares; (ii) a resistência a argumentos que evidenciarium a sua falsidade; (iii) a consideração do que é produzido

historicamente como algo natural, isto é inerente ao objeto; (iv) um pensamento estereotipado, que a partir de um predicado principal (negro, judeu, deficiente) associa imediatamente diversos outros atributos, que é similar ao que estes autores denominam de ‘pensamento do ticket’. Os estereótipos são características atribuídas às pessoas baseadas no fato de elas fazerem parte de um grupo ou de uma categoria social (OAKES, HASLAM & TURNER, 1994).

Martins (2017, p. 47-48), analisando o preconceito como obstáculo ao diálogo inter-religioso, afirma que:

A aproximação social, juntamente com a falta de conhecimento da cultura do Outro, abre caminho para categorias saturadas de conotações emocionais decorrentes de experiências isoladas, e de pensamentos generalizantes distorcidos, a partir dos quais tal processo de categorização tende a encontrar terreno para desenvolver-se e preparar as condições para que se formem os estereótipos.

Ao analisar os relatos efetuados pelas imigrantes brasileiras em Portugal, verifica-se que a estereotipagem seria o viés central na formação do preconceito (DORAI & DESCHAMPS, 1990; HAMILTON, 1979; HASLAM, 1997; HEWSTONE, 1990; LEPORE & BROWN, 1997; YZERBYT, ROCHER & SCHADRON, 1997). Tajfel (1972) e Tajfel, Flament, Billig e Bundy (1971) explicaram o preconceito desde a perspectiva das relações intergrupais, como o resultado da inserção do indivíduo numa categoria social. A pertença a uma categoria social levaria à distribuição de atributos positivos aos membros desse grupo e negativos aos do outro grupo.

Toda migração possui implicações políticas, sociais, econômicas, psicológicas e históricas. É um processo gerador de mudanças que alude à um deslocamento geográfico, uma experiência pessoal de ruptura e fratura de laços afetivos e constitutivos da pessoa. Oliveira (2011) destaca ainda que este processo envolve a interação entre as pessoas, a integração daquele que imigra, a negociação para aceitação deste que chega, a desterritorialização e reterritorialização e a negociação de identidade. São realidades vividas e experiências inerentes ao processo migratório que marcam profundamente o sujeito e a própria cidade que o acolheu. Levando em consideração que esta é um sistema vivo que busca o equilíbrio a partir dos enfrentamentos, tornam-se necessárias e inevitáveis as negociações e adaptações de seus diferentes atores sociais. Franken et all (2012) afirma que:

As migrações que se processam de uma cultura para outra ou de uma região do país para outra envolvem rupturas importantes no espaço e nas vivências do indivíduo; apresentam-se, necessariamente, como uma transição social bem definida, o que implica, por regra, mudança de estatuto ou alteração no relacionamento com o meio envolvente, quer física, quer social ou jurídica. A migração implica a adaptação do indivíduo a uma

cultura, língua e regras culturais de funcionamento diferente, a um novo meio, muitas vezes hostil, sendo necessário atravessar diferentes etapas e desenvolver estratégias de adaptação que lhe permitam resolver as dificuldades relacionadas com a condição de imigrante, de que resultam diferentes modalidades de aculturação.

Como processo de mobilidade humana a imigração traz consigo sempre o ser e o não ser completamente, o estar e o não estar totalmente. Pois, existe uma luta entre desenraizamento e um novo enraizamento, a busca por uma ressocialização e construção de uma nova territorialidade baseada nos referenciais que se tem dos locais deixados. Ou seja, existe uma tendência à reprodução do vivido, uma tendência de construir no novo território um lugar se não igual, ao menos o mais próximo possível do lugar que se deixou, não só em termos de paisagem, mas também das relações sociais:

Quem migra, move-se de um território a outro, mas ainda que se mova não o faz somente com as malas e a bagagem, move-se com toda uma história de vida, com todo um passado, e o seu êxito migratório ocorrerá na medida em que consiga inserir-se no *Mundus Novus* por ele buscado, na medida em que consiga impor-se ou negociar sua entrada no território que é de outro. (OLIVEIRA, V. 2011:79)

Quem migra tem necessidade de reconstruir seus códigos que ficam abalados no momento da imigração:

*“Eu acho difícil ir ao supermercado comprar as coisas. Não tem o que a gente quer. Eu não sei como fazer comida aqui”.* (Âmbar).

O imigrante tentará reproduzir sua própria cultura através das influências mútuas que ocorrem entre a população nativa e os imigrantes. Este processo de negociação implica em desaprender o repertório comportamental estabelecido que não é adequado ao novo contexto social e cultural que o imigrante está inserido, e aprender novos padrões de comportamentais. O fato de o imigrante trazer consigo sua bagagem cultural histórica do(s) território(s) por onde passou, não significa que ele anulará o passado com as informações presentes, pois em cada território, como diz Eugenio Turri, há uma relação de continuidade: “a ruptura da ordem pré-existente não comporta necessariamente uma perda da continuidade histórica, que subsiste através do suceder-se de fases diversas, cada uma gerada de sua antecessora” (2002, p.36). A identidade vai além do “ser”, ela está intrinsecamente relacionada ao “como ser” no tempo e no espaço sociais, constitui-se portanto como uma experiência cultural.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Toda migração possui implicações políticas, sociais, econômicas, psicológicas e históricas. É um processo gerador de mudanças que alude à um deslocamento

geográfico, uma experiência pessoal de ruptura e fratura de laços afetivos e constitutivos da pessoa. Este processo envolve a interação entre as pessoas, a integração daquele que imigra, a negociação para aceitação deste que chega, a desterritorialização e reterritorialização e a negociação de identidade. São realidades vividas e experiências inerentes ao processo migratório que marcam profundamente o sujeito e o país que o acolheu. Levando em consideração que este é um sistema vivo que busca o equilíbrio a partir dos enfrentamentos, tornam-se necessárias e inevitáveis as negociações e adaptações de seus diferentes atores sociais.

No caso das brasileiras entrevistadas que fizeram a opção por viverem em Portugal, observa-se que inicialmente reproduzem as normas sociais, valores e atitudes semelhantes aos do seu país de origem. Ou seja, reproduzem o seu *modus operandi*, tanto no que tange a comportamentos sociais, quanto a posturas e gostos pessoais. Neste processo defrontam-se com uma imagem cristalizada do ser brasileira, imagem reforçada por um discurso midiático e político que conserva a tônica colonial. Esta imagem construída em cima de uma representação social estigmatizada, oprime, gera sofrimento e angústia. Durante o processo de negociação de identidade, pouco a pouco, com o passar do tempo, as imigrantes adotam valores e certos padrões culturais do país de destino, no caso Portugal, seja para passarem despercebidas (adotando o sotaque) e não serem molestadas, ou para evitar o sofrimento psíquico.

É importante aprofundar o conhecimento sobre os contextos das levas migratórias, ainda que consolidadas. Desvelar faces sutis e ainda ocultas, para além de estudos demográficos e estar atento aos processos ocorridos internamente com o migrante, à sua subjetividade, a ressignificação da migração, e ao sofrimento psíquico dela decorrente. Este conhecimento pode lançar luzes de forma significativa na reflexão e compreensão dos contextos migratórios e suas consequências.

A migração internacional é um fenômeno de crescente complexidade, neste contexto, observa-se uma mudança no padrão dos emigrantes brasileiros nos últimos anos. Enquanto no passado ao principal motivo para saída do país era o fator econômico, hoje se nota que um maior número de pessoas sai por questões de segurança. Um novo cenário é aberto, pois existe uma mudança no padrão dos emigrantes brasileiros, não somente no tocante à motivação, mas em relação ao poder aquisitivo também. Diria que, há uma nova leva migratória de brasileiros e brasileiras em direção a Portugal, pessoas oriundas das classes média e alta do Brasil, que ao adquirirem o direito a aposentadoria estão imigrando rumo àquele país em busca de segurança e qualidade de vida. Cabem aqui outras investigações, tanto para caracterizar este imigrante, como para verificar dentro deste coletivo qual a percepção das brasileiras ao tratamento recebido. Houveram mudanças? Com a chegada de um maior número de mulheres profissionais liberais e licenciadas a representação social mudou? São os desafios que ora se apresentam.



## Referências

- ADORNO, Theodor. Educação após Auschwitz. In: ADORNO, Theodor. Educação e emancipação. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. Preconceito. In: ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. Temas básicos de sociologia. São Paulo: Cultrix, 1973.
- ALLPORT, Gordon. La naturaleza del prejuicio. Buenos Aires: Editorial Universidad de Buenos Aires, 1954.
- BERGMANN, Manfred Marx. Social representations as mothers of all behavioural predispositions? Notes on the relations between social representations, attitudes and values. *Papers on Social Representations*, 7, p.77-83,1998.
- BOYD, Monica & GRIECO, Elizabeth. Women and Migration: Incorporating gender into international migration theory. Migration Policy Institute. Washington, 2003.
- CHANT, Sylvia, and RADCLIFFE, Sarah A. "Migration and development: the importance of gender." In *Gender and migration in the developing countries*. London and New York: Belhaven Press,1992.
- COJOCARU, Lacette Lehen. “Migrações forçadas: o exílio político no Brasil” in JACQUES, Wilson Cleber Antunes et al. *Histórias e memórias de psicologia: trabalhos premiados no concurso comemorativo dos 40 anos de regulamentação da profissão de psicólogo no Brasil*. Porto Alegre: CRP – 7ª Região, p. 13-23, 2003.
- CONTI, Maria Aparecida; BERTOLIN, Maria Natacha Toral & PERES, Stela Verzinhasse. A mídia e o corpo: o que o jovem tem a dizer? *Ciência & Saúde Coletiva*, 15(4), p. 2095-2103, 2010
- DESCHAMPS, J. C. Social identity and relations of power between groups. In: TAJFEL, Henri (Org.), *Social identity and intergroup relations*. Cambridge: Cambridge University, 1982.
- DORAI, Mohamed. & DESCHAMPS, Jean-Claude. Adresse-t-on les mêmes stéréotypes aux enfants et aux adultes de même groupe ethnique? *Revue Internationale de Psychologie Sociale*, 3, p. 575-590, 1990
- FISKE, Susan. & TAYLOR, Shelle. *Social cognition*. New York: McGraw-Hill,1991.
- FRANÇA, Mulheres que imigram através da academia- reflexões a certa da trajetória de uma mulher imigrante doutoranda na Europa. In *Revista Ártemis*, Edição V.14, agosto, p.11-121, 2012.
- FRANKEN, Ieda; COUTINHO, Maria Penha de Lima; RAMOS, Maria. Natalia. Pereira. Representação social, saúde mental e imigração internacional. In: *psicologia Ciência e Profissão*, vol. 32, n. 01, Brasília, 2012.
- GAYE, Amie; JHA, Shreyasi. Measuring women’s empowerment through migration. *Diversities*, 2011.

GOMES, Mariana Selister. Gênero, Colonialidade e Migrações: uma análise de discursos institucionais sobre a “Brasileira Imigrante” em Portugal. In: Política & Sociedade - Florianópolis - Vol. 17 - Nº 38 - Jan./Abr. p. 404-439, 2018.

HAMILTON, David. L. A cognitive-attribitional analysis of stereotyping. In: L. Berkowitz (Org.), *Advances in experimental social psychology*, Vol. 12, p. 53-84. New York: Academic Press, 1979.

HASLAM, Alexander. & TURNER, John. C. Context-dependent variation in social stereotyping: The relationship between frame of reference, self-categorization and accentuation. *European Journal of Social Psychology*, 22, p. 251-278, 1992.

HEWSTONE, Miles. The ultimate attribution error? A review of the literature on intergroup causal attribution. *European Journal of Social Psychology*, 20, p. 311-335, 1990.

JODELET, Denise. Représentations sociales: un domaine en expansion. In D. JODELET (Ed.) *Les représentations sociales*. Paris: PUF, 1989, pp. 31-61. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica: Alda Judith Alves-Mazzotti. UFRJ-Faculdade de Educação, 1993. Disponível em: <http://portaladm.estacio.br/media/3432753/jodelet-drs-um-dominio-em-expansao.pdf> acesso em 20.10.2018

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In JODELET, D. (Ed.), *As representações sociais*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

KOFMAN, Eleonore. Female 'Birds of Passage' a decade later: Gender and immigration in the European Union. *International Migration Review*, n.33, p. 269–299, 1999.

LAGES, Mário (coord.). *Os Imigrantes e a População Portuguesa: Imagens Recíprocas. Análise de Duas Sondagens*. Lisboa: Observatório da Imigração / ACIME, 2006.

LEPORE, Lorella. & BROWN, Ruppert. Category and stereotype activation: Is prejudice inevitable? *Journal of Personality and Social Psychology*, 72, p. 275-287, 1997

MALHEIROS, Jorge Macaísta. *Imigrantes na Região de Lisboa: os anos da mudança. Imigração e processos de integração das comunidades de origem Indiana*. Lisboa: Colibri, 1996.

MAHLER, Sarah. Engendering transnational migration: A case study of Salvadorans. *American Behavioral Scientist*. n. 42 (4) January, p. 690-719, 1999

MÁRMORA, Lelio. *Las políticas de migraciones internacionales*. Buenos Aires: Alianza, 1997.

MARTINS, Angelina Carr Ribeiro. A origem do preconceito em Allport como obstáculo ao diálogo inter-religioso. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 14, n. 2, p. 45-64, jul-dez/2017 <http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2018/03/14-2-4.pdf> acessado em 20.02.2019.

MOROKVASIC, Mirjana. "Birds of Passage are also women." *International Migration Review*, v. XVIII, n. 4, p. 886-907. Winter 1984.

MOSCOVICI, Sergei., & VIGNAUX, Georges. O conceito de themata. In MOSCOVICI S. (Ed.), *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOULIN, Carolina. A política internacional da mobilidade: governamentalidade global e produção da diferença no discurso disciplinar contemporâneo. In: SILVA, Sidney Antônio da. *Migrações na Pan-Amazônia: fluxos, fronteiras e processos socioculturais*. São Paulo: Hucitec; Manaus: Fapeam, 2012.

NEVES, Ana Sofia A; NOGUEIRA, Maria da Conceição Oliveira Carvalho; TOPA, Joana Bessa; SILVA, Estefânia Gonçalves. Mulheres imigrantes em Portugal: Uma análise de género. In: *Estudos de Psicologia (Campinas)* 33(4), p.723-733, outubro-dezembro, 2016.

OAKES, Penelope. J.; HASLEM, S. Alexander. & TURNER, Jonh. *Stereotyping and social reality*. Oxford: Blackwell, 1994.

OLIVEIRA, Valéria. Que vim eu fazer aqui? In: OLIVEIRA, V.; Amaral, Jose Januario. O. do., & LEANDRO, Ederson. *Migração: múltiplos olhares*. São Carlos: Pedro & João Editores / Editora da UNIR – EDUFRO, 2011.

ONU, *International Migration Report 2013*. Population Division of the Department of Economic and Social Affairs of the United Nations. New York: United Nations: ONU. 2013

ONU, *World Youth Report 2013*. Youth migration and development. Consultado a 20 de agosto de 2014, disponível em [http://www.unworldyouthreport.org/index.php?option=com\\_k2&view=itemlist&layout=category&task=category&id=29&Itemid=219](http://www.unworldyouthreport.org/index.php?option=com_k2&view=itemlist&layout=category&task=category&id=29&Itemid=219).

PADILHA, Beatriz. A imigrante brasileira em Portugal: considerando o género na análise. In J. Malheiros(Org.), *Imigração brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI,2007

PATARRA, Neide Lopes. *E migração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*; São Paulo, FNUAP, 1995

PEIXOTO, João. & GOIS, Pedro. *Highly skilled migration in Portugal an overview*. Lisboa: Socius working papers n.3, p. 1-28, 2004.

PELLEGRINO, Adela. Tendencias de la migración internacional en América Latina y Caribe en la segunda mitad del siglo XX. In: Oteiza, Enrique (Org.). *Patrones migratorios internacionales en América Latina*. Buenos Aires: Eudeba, 2010.

PIRES, Rui Pena. *Migrações e integração: teoria e aplicações à sociedade portuguesa*. Oeiras: Celta Editoriais, 2003.

RAMOS, Arthur. *Introdução à psicologia social*. 4. ed. Santa Catarina: UFSC, 2003.

ROCHA – Trindade, Maria Beatriz. Sociologia das migrações. Lisboa: Universidade Aberta- Portugal, 1995.

ROSS, Lee. The intuitive psychologist and his shortcomings. Distortions in the attribution process. In: BERKOWITZ, L. (Org.), *Advances in experimental social psychology* Vol. 10, p. 174-221. New York: Academic Press, 1977.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTOS, Clara Almeida . *Imagens de mulheres imigrantes na imprensa portuguesa. Análise do ano 2003*. Lisboa: ACIDI. 2007

SASAKI, Elisa. A imigração para o Japão. *Estudos Avançados* 20 (57), p.99-107, 2006.

SCHALLER, Mark. Social categorization and the formation of group stereotypes: Further evidence for biased information processing in the perception of group-behavior correlations. *European Journal of Social Psychology*, 21, p.25-35, 1991.

SERVIÇO DE ESTRANGEIROS E FRONTEIRAS. (2001-2016), *Relatório de Imigração Fronteira e Asilo*. Disponível em: <http://sefstat.sef.pt/relatorios.aspx> Acesso em 18 de dezembro de

de 2018.

SIMMONS, Alan. *Explaining migration: Theory at the crossroads*. Louvain: Université Catholic, 1987.

TAJFEL, Henri. La catégorisation sociale. In S. Moscovici (Org.), *Introduction à la psychologie sociale* .Vol. 1. Paris: Larousse,1972.

TAJFEL, Henri. FLAMENT, Claude; BILLIG, M. & BUNDY, R. Social categorization and intergroup behavior. *European Journal of Social Psychology*, 1, p.149-178, 1971.

TÉLLEZ, Anastasia; MARTÍNEZ, Javier Eloy Guirso, editores. *Economía informal y perspectiva de género en contextos de trabajo*. Barcelona: Icaria. Economía; 2009.

TURRI, Eugenio. *La conoscenza del território. Metodologia per un'analyse storico-geografica*. Venezia: Marsilio, 2002.

YZERBYT, Vicent., ROCHER, Steve. & SCHADRON, George. Stereotypes as explanations: A subjective essentialistic view of group perception. In R. Spears, P. Oakes, N. Ellemers & S. Haslam (Orgs.), *The social psychology of stereotyping and group life*. Oxford: Blackwell,1997.